



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - CCS**  
**GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

**AUTOMUTILAÇÃO EM ADOLESCENTES ESCOLARES: UMA ANÁLISE DE  
CONCEITO**

**RECIFE - PE**  
**2024**

**ALESSANDRA DE ANDRADE COSTA**

**AUTOMUTILAÇÃO EM ADOLESCENTES ESCOLARES: UMA ANÁLISE DE  
CONCEITO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para  
banca como requisito para a obtenção da aprovação  
na Graduação do Curso Enfermagem da Universidade  
Federal de Pernambuco.

Orientador: Cecília Maria Farias de Queiroz Frazão

Coorientador: Jackeline Kérollen Duarte de Sales

**RECIFE - PE**

**2024**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Costa, Alessandra de Andrade.

Automutilação em adolescentes escolares: uma análise de conceito /  
Alessandra de Andrade Costa. - Recife, 2024.

41 p. : il., tab.

Orientador(a): Cecília Maria Farias de Queiroz Frazão  
Coorientador(a): Jackeline Kérolle Duarte de Sales

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Ciências da Saúde, Enfermagem - Bacharelado, 2024.  
Inclui referências.

1. Automutilação. 2. Adolescentes. 3. Saúde mental. 4. Escolar. I. Frazão,  
Cecília Maria Farias de Queiroz . (Orientação). II. Sales , Jackeline Kérolle  
Duarte de. (Coorientação). IV. Título.

570 CDD (22.ed.)

## RESUMO

**Introdução:** A automutilação é praticada pelo indivíduo com o objetivo de expressar a dor emocional, aliviar a tensão e ou fazer com que a dor física substitua ou reduza a dor emocional, mas sem intenção suicida. É frequentemente verificada entre adolescentes escolares. **Objetivo:** Analisar o conceito de automutilação entre adolescentes escolares. **Método:** Trata-se de um estudo de análise de conceito baseado no referencial do modelo proposto por Walker e Avant (2011). Para realizar a análise conceitual, realizou uma revisão de escopo utilizando as recomendações de JBI. A busca foi realizada, no período de dezembro de 2023 a janeiro de 2024 na Medline/PubMed, Embase, Scopus, Web of Science, CINAHL (EBSCO), PsycInfo, LILACS (Via BVS), Index Psicologia, BDENF (Via BVS), Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), ProQuest Dissertation and Thesis e Google Scholar. Foram utilizados os descritores “automutilação”, “adolescentes”, “estudantes” e seus correlatos. Foram encontrados 14.151 artigos e após os critérios de elegibilidade restou 18 publicações. A literatura cinzenta foi verificada a partir da lista de referências e 863 itens foram identificados. Destes, foram incluídos 11 novos estudos de acordo com os critérios de elegibilidade. Totalizando 29 estudos para a análise de conceito. **Resultados:** Identificou-se que os atributos encontrados para a automutilação para adolescentes escolares podem definir esse fenômeno como um dano ou lesão em qualquer parte do tecido corporal realizada pelo próprio indivíduo a si mesmo de forma deliberada sem a intenção suicida. Sendo identificados 41 antecedentes, sendo os mais citados pela literatura foram: Abuso de substâncias; Ansiedade excessiva; Sexo feminino; Sintomas depressivos; Indivíduos que vivenciam baixo desempenho acadêmico; Indivíduos que vivenciam *bullying*; e Relações interpessoais perturbadas. E identificados 25 consequentes, sendo os mais observados, foram: Ansiedade excessiva; Desenvolvimento de transtornos mentais; Obtenção do alívio; Presença de cicatrizes; e Tentativa de suicídio. **Conclusão:** Com a identificação dos atributos definidores, os eventos que antecedem e que sucedem automutilação entre adolescentes escolares, foi possível clarear este fenômeno e assim possibilitar a construção de um planejamento com intervenções direcionadas as reais necessidades do jovem escolar.

**Palavras-chave:** Automutilação; Adolescentes; Saúde mental; Escolar.

## ABSTRACT

**Introduction:** Self-mutilation is practiced by individuals with the aim of expressing emotional pain, relieving tension and/or causing physical pain to replace or reduce emotional pain, but without suicidal intention. It is frequently seen among school-aged teenagers. **Objective:** To analyze the concept of self-harm among school adolescents. **Method:** This is a concept analysis study based on the model proposed by Walker and Avant (2011). To carry out the conceptual analysis, a scoping review was carried out using JBI recommendations. The search was carried out from December 2023 to January 2024 in Medline/PubMed, Embase, Scopus, Web of Science, CINAHL (EBSCO), PsycInfo, LILACS (Via VHL), Index Psicologia, BDENF (Via VHL), CAPES Theses and Dissertations Catalog, Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), ProQuest Dissertation and Thesis and Google Scholar. The descriptors “self-mutilation”, “adolescents”, “students” and their correlates were used. 14,151 articles were found and after the eligibility criteria, 18 publications remained. Gray literature was checked from the reference list and 863 items were identified. Of these, 11 new studies were included according to the eligibility criteria. Totaling 29 studies for concept analysis. **Keywords:** Self-harm; Adolescents; Mental health; School. **Results:** It was identified that the attributes found for self-mutilation for school adolescents can define this phenomenon as damage or injury to any part of the body tissue carried out by the individual to himself deliberately without suicidal intention. 41 antecedents were identified, the most cited in the literature being: Substance abuse; Excessive anxiety; Female gender; Depressive symptoms; Individuals who experience low academic performance; Individuals who experience bullying; and Disturbed interpersonal relationships. And 25 consequences were identified, the most observed being: Excessive anxiety; Development of mental disorders; Obtaining relief; Presence of scars; and Attempted suicide. **Conclusion:** With the identification of the defining attributes, the events that precede and follow self-mutilation among adolescent students, it was possible to clarify this phenomenon and thus enable the construction of planning with interventions aimed at the real needs of young students.

**Keywords:** Self-harm; Teenagers; Mental health; School.

## **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 01. Análise de similitude do conceito Automutilação em adolescentes escolares.  
Recife – PE (2024).

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 01. Identificação do uso do conceito automutilação em adolescentes escolares presentes na literatura. Recife- PE (2024).

QUADRO 02. Atributos definidores do conceito de automutilação em adolescentes escolares. Recife – PE (2024).

QUADRO 03. Antecedentes do conceito Automutilação em adolescentes escolares. Recife – PE (2024).

QUADRO 04. Consequentes do conceito Automutilação em adolescentes escolares. Recife – PE (2024).

QUADRO 05. Referencial empírico do conceito de automutilação em adolescentes escolares. Recife-PE (2024).

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	8
<b>MÉTODO .....</b>	10
<b>Seleção do conceito de interesse .....</b>	10
<b>Definição de metas e objetivos da análise.....</b>	10
<b>Identificação das possibilidades de utilização do conceito .....</b>	11
<b>Identificação dos atributos .....</b>	12
<b>Definição do caso modelo.....</b>	12
<b>Desenvolvimento de caso(s) adicional(is) .....</b>	12
<b>Detecção dos antecedentes e consequentes .....</b>	13
<b>Definição dos referenciais empíricos .....</b>	13
<b>RESULTADOS .....</b>	14
<b>DISCUSSÃO .....</b>	27
<b>CONCLUSÃO.....</b>	35
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	36

## INTRODUÇÃO

A automutilação transcende limites temporais, geográficos e culturais (Almeida, 2021). Os primeiros registros se dão no período da Idade Média, em que a automutilação era praticada como autoflagelação, impulsionada por movimentos religiosos. Essa prática visava fortalecer a resistência ao pecado, aliviar o sofrimento e aproximar-se do plano espiritual (Reis, 2018).

No século XX, Karl Menninger, psiquiatra americano, em seus estudos, definiu a automutilação como uma agressão direcionada a si, sendo uma forma de evitar o suicídio e de se tranquilizar (Giusti, 2013). Para ele, a autolesão apresentava três bases para sua prática: autoagressão no próprio corpo, estimulação física ou sexual, e autopunição (Menninger, 1938, *apud* Almeida, 2021, p. 26).

Atualmente, uma diversidade de nomenclaturas e definições para a automutilação, se faz presente na literatura, tais como: *self-mutilation*, *deliberate self-harm*; *parasuicide*, *self-wounding*, *non-suicidal self-injury*, *self-injury*, *self-harm behavior* (Ross; Heath, 2002; Bousoño *et al.*, 2021) Sendo a *non-suicidal self-injury* a mais empregada nas pesquisas (Moraes *et al.*, 2022; Mühlen; Câmara, 2021) e que significa autolesão não suicida. Essa diversidade terminológica contribui para diferentes interpretações do que constitui automutilação, o que permite uma falta de clareza do que é essa autolesão e do que não é.

Apesar das divergências em seu conceito, verifica-se em grande parte dos estudos que a automutilação é praticada pelo indivíduo com o objetivo de expressar a dor emocional, aliviar a tensão e ou fazer com que a dor física substitua ou reduza a dor emocional, mas sem intenção suicida (Cidade Nop; Zrnig Smaj, 2021; Aguiar; Silva, 2020). E que esse comportamento é particularmente comum entre os adolescentes e jovens adultos. (Lara; Saraiva; Cossul, 2023; Brausch; Clapham; Littlefield, 2022; Poudel *et al.*, 2022; Costa *et al.*, 2021).

Os adolescentes são um grupo que apresenta particularidades e que precisam ser exploradas para a compreensão da automutilação nessa faixa etária, tais como: impulsividade, dependência pelo meio digital e a vivência no ambiente escolar, sendo esta última, um local que os adolescentes passam grande parte do seu tempo e que pode ser associada para o desenvolvimento da automutilação. (Tang *et al.*, 2020; Shafi, 2020; OPAS, 2023).

Tal associação, ambiente escolar e automutilação, pode ser verificada quando o adolescente vivencia na escola o *bullying* e/ou apresenta baixo rendimento acadêmico. (Lara, Saraiva, Cossul, 2023). Assim, se torna essencial a capacitação de docentes por meio da

educação permanente sobre aspectos da saúde mental nos adolescentes com objetivo de identificar estudantes que apresentam comportamentos autodestrutivos, uma vez que a escola se configura num espaço de articulação intersetorial entre saúde, educação e assistência social (Brito *et al.*, 2020; Tavares; Barros, 2022; Aragão; Mascarenhas, 2022).

Tal articulação acontece nas escolas do Brasil por meio do programa saúde na escola (PSE), o qual visa fortalecer ações para o desenvolvimento integral e proporcionar à comunidade escolar a participação em programas e projetos que articulem saúde e educação, para o enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens brasileiros. E dentre os profissionais que atuam no PSE tem-se o enfermeiro (Brasil, 2011).

Logo, a capacitação aos profissionais da educação, pode ser mediada por enfermeiros, que atuam no nível de atenção primária em saúde (APS), já que a APS é a porta de entrada a rede de atenção à saúde (RAS) e realiza o acolhimento, promoção e recuperação da saúde de forma integral tanto para a comunidade como para o indivíduo do território (Brasil, 2017). Além disso, o enfermeiro apresenta um papel fundamental de realizar ações de educação em saúde mental, com o intuito de romper estigmas e auxiliar os educadores a atuarem em frente à contexto de risco de automutilação (Brasil, 2011). O acolhimento e a escuta qualificada são ações e atribuições essências do enfermeiro da APS para identificar indivíduos, inclusive adolescentes, que podem apresentar um sofrimento mental (Brasil, 2011). E a atuação desses profissionais dentro do ambiente escolar possibilita ser uma ponte entre o adolescente e outros profissionais, garantindo que o jovem receba o apoio integral de que precisa como também o direcionamento do cuidado necessário (Rebelo *et al.*, 2022).

Para tanto, é fundamental que os enfermeiros, compreendam bem o fenômeno da automutilação entre os adolescentes. A clareza sobre a conceituação e as características da automutilação nesta população permite que os enfermeiros usem práticas baseadas em evidências e implementem intervenções apropriadas, como na capacitação aos profissionais da educação. Ante o exposto, este estudo tem como objetivo analisar o conceito de automutilação entre adolescentes escolares.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo de análise de conceito baseado no referencial do modelo proposto por Walker e Avant (Walker; Avant, 2011). Essa análise é uma estratégia para o desenvolvimento de conceitos recentes ou poucos explorados na literatura que precisam ser edificados para haver o crescimento teórico e prático na enfermagem (Walker; Avant, 2011; Zagonel, 1996).

Para realizar a análise conceitual, realizou-se uma revisão de escopo a fim de subsidiar as oito etapas propostas por Walker; Avant (2011), a saber: I) selecionar o conceito de interesse; II) traçar as metas e objetivos da análise; III) determinar as possibilidades de utilização do conceito; IV) identificar os atributos; V) propor/usar um caso modelo; VI) desenvolver caso(s) adicional(is); VII) detectar antecedentes e consequentes, e VIII) definir os referenciais empíricos. Tais etapas estão descritas abaixo.

### **Seleção do conceito de interesse**

O conceito selecionado foi automutilação, o qual é um fenômeno de enfermagem presente na Taxonomia II da NANDA-I como o diagnóstico “Risco de automutilação”, inserido no domínio 11 - Segurança/proteção e classe 3 – Violência. Esse diagnóstico de enfermagem é definido como a suscetibilidade a comportamento autolesivo deliberado, causando dano tissular, com a intenção de provocar lesão não fatal para obter alívio de tensão (Herdman; Kamitsuru; Lopes, 2021).

Buscou-se clarificar este conceito, visto que se observou que as literaturas disponíveis apresentavam diferentes conceitos para automutilação.

### **Definição de metas e objetivos da análise**

Esta etapa pode ter como objetivo, por exemplo, clarificar um conceito, desenvolver uma definição operacional, desenvolver um instrumento de pesquisa, entre outros (Walker; Avant, 2011).

Neste estudo, a meta e os objetivos foram referentes a clarificar o conceito de automutilação para adolescentes escolares por meio de uma revisão de escopo que seguiu as orientações do Joanna Briggs Institute (JBI) (Peters *et al.*, 2022).

A busca foi realizada, no período de dezembro de 2023 a janeiro de 2024 na Medline/PubMed, Embase, Scopus, Web of Science, CINAHL (EBSCO), PsycInfo, LILACS (Via BVS), Index Psicologia, BDENF (Via BVS), Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES,

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), ProQuest Dissertation and Thesis e Google Scholar. Foram utilizados os descritores “automutilação”, “adolescentes”, “estudantes” e seus correlatos. A triagem pareada foi iniciada com a exclusão das duplicatas, seguida pela leitura de títulos e resumos, e por fim a leitura na íntegra, na qual os estudos deviam responder à questão de pesquisa e estarem de acordo com os critérios de elegibilidade: Foram adotados os critérios de elegibilidade, seguindo a estratégia PCC (População, Conceito e Contexto):

- População: Estudos originais desenvolvidos com adolescentes, na faixa etária entre 13 e 18 anos, conforme é indicado pelo DeCS/MeSH. Não houve restrição de idioma, ano de publicação ou localização geográfica.
- Conceito: Foram considerados estudos que apresentassem a definição de automutilação, relatassem os fatores de risco e condições associadas.
- Contexto: Somente foram incluídos estudos que foram desenvolvidos no contexto escolar.

Dessa forma, foram encontrados 14.151 artigos. Contudo, na exclusão das duplicadas, 7.476 foram identificados e retirados da pesquisa. Logo, dos 6.675 selecionados para a leitura de título e de resumo, somente 151 artigos foram elegidos por abordar automutilação e adolescentes escolares.

Na etapa final, procedeu-se à leitura na íntegra, o que permitiu excluir 133 estudos que não abordavam especificamente a população do estudo, não respondiam à questão da pesquisa, ou trabalhava outro tema, resultando na amostra final de 18 publicações que atenderam aos critérios de elegibilidade. A literatura cinzenta foi verificada a partir da lista de referências e 863 itens foram identificados. Destes, 20 já estavam incluídos, 511 não tratavam do assunto estudado, 126 eram estudos teóricos ou de revisão, e 172 abordavam uma população distinta. Logo, após leitura na íntegra, 23 estudos foram excluídos por não responderem à questão de pesquisa, sendo incluídos 11 novos estudos.

Os textos selecionados foram analisados a partir do Microsoft Excel 2010. As informações essenciais, como conceito, atributos definidores, antecedentes, consequentes e referencias empíricos, foram organizados de forma descriptiva simples e apresentados em planilhas com objetivo de assistir à compreensão e à interpretação do conceito investigado.

### **Identificação das possibilidades de utilização do conceito**

Nesta etapa, as diversas formas de aplicação do conceito de automutilação foram identificadas através da leitura completa dos textos na íntegra. Ao realizar essa análise, buscou-

se perceber qual era a conceituação empregada pelos autores e que foram apresentadas, principalmente, na introdução e na metodologia dos estudos.

### **Identificação dos atributos**

Nesta etapa, busca-se identificar quais são os atributos definidores que estão associados ao conceito. Tais atributos representam termos, expressões ou características que atuam como elementos que diferenciam aquele conceito, já que possibilitam a identificação do que é, de fato, sua expressão daquele ou não (Walker; Avant, 2011).

Para este estudo, a identificação dos atributos do conceito de Automutilação aconteceu com o suporte da análise de similitude através do software Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), já que permite identificar como esses atributos definidores estão relacionadas entre si.

Após análise dos textos selecionados nesta revisão de escopo, os conceitos encontrados foram submetidos a esse *software*, o qual auxiliou construção de informações de estatística computacional e gráfico dos termos que estão fortemente relacionados com o conceito de automutilação.

### **Definição do caso modelo**

Essa etapa consiste na criação do caso modelo pelos pesquisadores ou exemplo de casos na literatura que possibilita a visualização de todos os atributos definidores do conceito estudado, facilitando a compreensão do significado e do contexto do objeto que será conceituado (Walker; Avant, 2011).

Neste estudo, foi elaborado o caso modelo com o intuito de evidenciar as características definidoras do conceito de automutilação, os fatores antecedentes como também os consequentes.

### **Desenvolvimento de caso(s) adicional(is)**

Das possibilidades dos casos adicionais foi escolhido o caso contrário. O caso contrário se refere a construção de um caso que não é aplicado o conceito estudado. Walker e Avant (2011) descrevem que a criação de casos contrários que exemplificam tributos contrários aos que foram utilizados como definidores, auxiliam na concretização do conceito.

Nesse sentido, respeitando as etapas da análise do conceito, construiu-se um caso contrário que apresentasse atributos/características que não estão relacionados ao conceito de automutilação.

### **Detecção dos antecedentes e consequentes**

Esta fase permite que o pesquisador identifique quais são as ações que antecedem e as consequentes que estão relacionados ao conceito (Walker; Avant, 2011). Neste estudo, os fatores antecedentes são situações e experiências sociais que colaboraram para o indivíduo praticar a automutilação, enquanto os consequentes são fatos que acontecem após a realização da ação do fenômeno.

Foram utilizados 29 estudos que respeitaram os critérios da revisão de escopo. Em relação à identificação dos atributos antecedentes e consequentes, foi realizada a leitura completa dos textos, o qual permitiu perceber contextos que antecede e que muitos foram descritos de forma clara na introdução e exposto nos resultados dos artigos. Todavia, os fatores consequentes foram demonstrados na discussão dos textos e que, em muitos, foi necessária uma interpretação ou foram apresentados de forma clara.

### **Definição dos referenciais empíricos**

Por fim, essa última etapa busca identificar as referências empíricas utilizados para identificar e definir os atributos definidores do conceito estudado, os antecedentes e os consequentes (Walker; Avant, 2011). Essas referências são uma estratégia de pesquisa que facilitam e permitem a visualização do conceito que está sendo analisado.

Para esta pesquisa, buscou-se identificar como a automutilação foi verificada nos estudos.

## RESULTADOS

Diante dos 29 estudos analisados pela revisão de escopo, houve a possibilidade de identificar a forma de aplicação do conceito de automutilação em adolescentes escolares, conforme evidenciado no quadro 01. As definições, abaixo, foram organizadas de acordo com os aspectos de semelhança e de concordâncias entre as definições.

**Quadro 01.** Identificação do uso do conceito automutilação em adolescentes escolares presentes na literatura. Recife- PE (2024).

Autor, Ano de publicação	Identificação do uso do conceito de “Automutilação”
Ross; Heath, 2002 Laukkanen <i>et al.</i> , 2009 Jutengren; Kerr; Stattin, 2011 Zetterqvist; Lundh; Svedin, 2014 Madjar <i>et al.</i> , 2017 Madjar <i>et al.</i> , 2017b Santos <i>et al.</i> , 2018 Lin <i>et al.</i> , 2018 Esposito; Bacchini; Affuso, 2019 Soudabeh <i>et al.</i> , 2020 Thai <i>et al.</i> , 2021 Jeong; Kim, 2021	Destrução ou alteração deliberada e direta de tecido corporal sem intenção suicida.
Tsai <i>et al.</i> 2011 Aktepe; Çaliskan; Sönmez, 2013 Heerde <i>et al.</i> , 2015 Nemati <i>et al.</i> , 2020	Refere-se a qualquer comportamento autolesivo que não envolva intenção de morrer.
Garisch; Wilson, 2015 Li <i>et al.</i> , 2019 Zhou <i>et. al.</i> , 2022	Destrução intencional do tecido corporal sem intenção suicida e que é culturalmente inaceitável.
Lundh <i>et al.</i> , 2011 Brunner <i>et al.</i> , 2014 Huang <i>et al.</i> , 2017 Lockwood <i>et al.</i> , 2020 Bousono <i>et al.</i> , 2021 Menezes; Faro, 2023	Qualquer ato ou comportamento de auto envenenamento ou automutilação, independentemente da motivação ou intenção suicida.
Hawton <i>et al.</i> , 2002 Rossow <i>et al.</i> , 2007 Wan <i>et al.</i> , 2015	Ato o qual um indivíduo deliberadamente inicia um comportamento prejudicial que ingira uma substância ou introduza um objeto com a intenção de causar ferimentos a si mesmo para propósitos que não são culturalmente sancionados e

	com um resultado não fatal.
Brunner <i>et al.</i> , 2007	Lesão intencional ao próprio corpo sem intenção suicida aparente.

Fonte: Autoria própria.

Percebeu-se que o conceito mais empregado é que a automutilação é a destruição deliberada do tecido corporal, mas sem a intenção suicida. Todavia, notou-se que alguns autores, a exemplo Lundh *et al.* (2011), Brunner *et al.*, (2014), Huang *et al.*, (2017), Lockwood *et al.*(2020), Bousoño *et al.*(2021) e Menezes; Faro (2023) apresentam diferente visão, já que, para eles, a autolesão pode ter ou não intenção suicida e que isso não interfere na definição de automutilação.

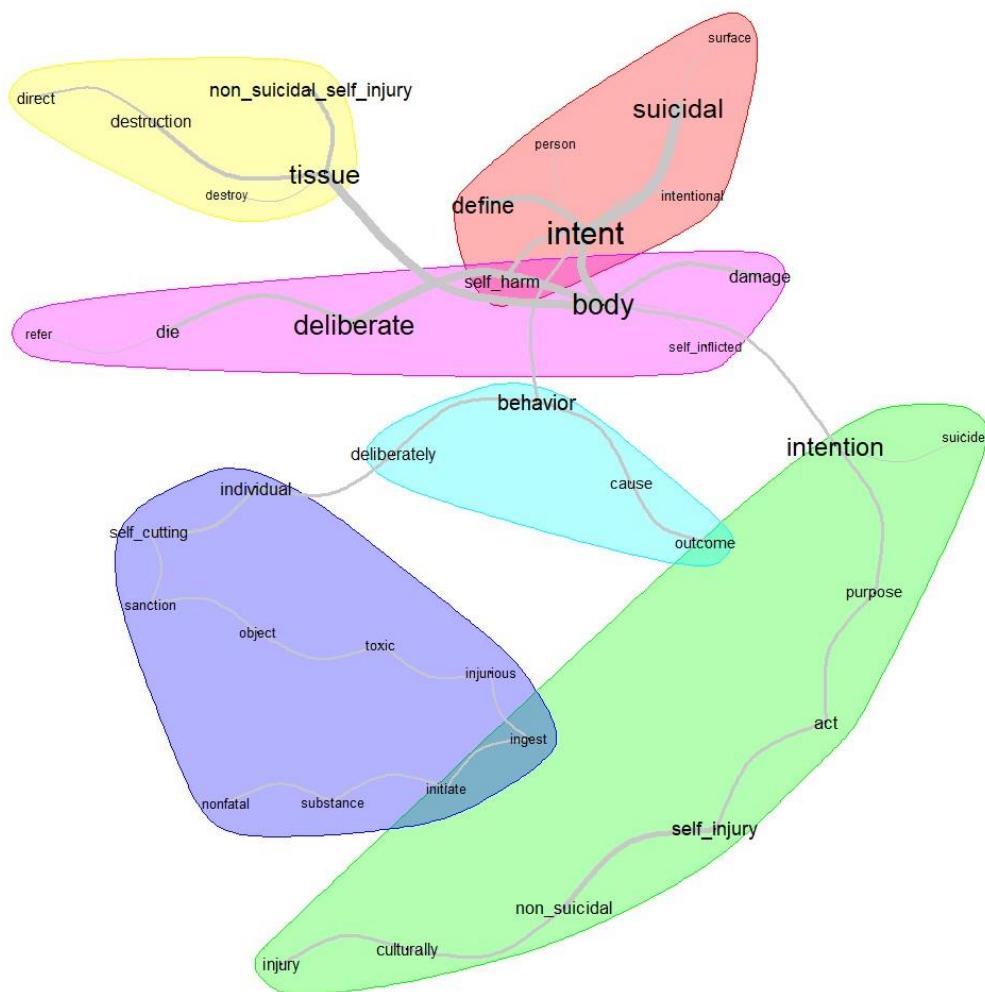
Após realizar a análise da identificação do uso conceito, observou-se quais são os termos mais frequentes nas literaturas e que caracterizam o conceito estudado, isto é, os atributos definidores, como demonstrando no quadro 02.

**Quadro 02.** Atributos definidores do conceito de automutilação em adolescentes escolares. Recife – PE (2024).

<b>Atributos definidores do conceito</b>	
• Destruição	• Intenção
• Suicídio	• Comportamento
• Tecido Corporal	• Deliberado
• Causar Ferimentos	• Automutilação Não Suicida

Fonte: Autoria própria.

Ao realizar análise de similitude do conceito de Automutilação (figura 2), observa-se que há palavras em destaque que são: *body*, *deliberate*, *intent*, *tissue*, *suicidal*, *define*, *behaviour non-suicidal self-injury*. Elas significam, respectivamente, corpo, deliberado, intenção, tecido, suicida, definição, comportamento e automutilação não suicidam.



**Figura 01.** Análise de similitude do conceito Automutilação em adolescentes escolares.

Recife – PE (2024).

A figura 1 é composta por halo, isto é, comunidades que representam os agrupamentos de palavras que mais estão associadas e separadas de acordo com essa associação. E essas comunidades apresentam uma relação entre si que está sendo demonstrada pela presença e pelas espessuras das linhas que conectam cada halo.

Dessa forma, ao realizar a interpretação dessa imagem, nota-se que as palavras em destaque foram as frequentemente citadas em cada conceito dos 29 artigos. Além disso, elas estabelecem relação mais forte entre si, como demonstrado pela espessura da linha e pela aproximação das comunidades e das palavras.

Diante disso, a similitude do conceito Automutilação possibilita a visualização dos atributos essenciais dos conceitos que foram elencados no quadro 2.

Ressalta-se que o conceito de automutilação proposto pelos os artigos selecionados

foram descritos em inglês no software IRAMUTEQ, visto que a maioria dos estudos estavam publicados nessa língua e era necessário haver uma uniformização da linguagem para ocorrer a efetiva análise.

Progredindo com as etapas da análise conceitual, verificou-se quais eram os fatores antecedentes e consequentes do conceito da automutilação. Em relação aos antecedentes, todos os textos exploraram os motivos iniciais para a automutilação. E foram identificados 41 antecedentes, sendo os mais citados pela literatura foram: Abuso de substâncias; Ansiedade excessiva; Sexo feminino; Sintomas depressivos; Indivíduos que vivenciam baixo desempenho acadêmico; Indivíduos que vivenciam *bullying*; e Relações interpessoais perturbadas, como visualizado no quadro 03.

**Quadro 03.** Antecedentes do conceito Automutilação em adolescentes escolares. Recife – PE (2024).

Autor e Ano de publicação	Antecedentes
Ross; Heath, 2002	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ansiedade excessiva</li> <li>• Sexo feminino</li> <li>• Sintomas depressivos</li> </ul>
Hawton <i>et al.</i> , 2002	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abuso de substâncias</li> <li>• Ansiedade excessiva</li> <li>• Autoestima inadequada</li> <li>• Controle de impulso ineficaz</li> <li>• Exposição a comportamentos de automutilação não suicidas por pares</li> <li>• Indivíduos que vivenciam abuso</li> <li>• Indivíduos que vivenciam <i>bullying</i></li> <li>• Indivíduos que vivenciam crise de identidade sexual</li> <li>• Sexo feminino</li> <li>• Sintomas depressivos</li> </ul>
Brunner <i>et al.</i> , 2007	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ansiedade excessiva</li> <li>• Comportamento agressivo</li> <li>• Comportamento delinquente</li> <li>• Imagem corporal distorcida</li> <li>• Indivíduo com histórico de tentativa de suicídio</li> <li>• Indivíduos que vivenciam a presença de doença/deficiência nos membros da família</li> <li>• Indivíduos que vivenciam baixo desempenho acadêmico</li> <li>• Indivíduos que vivenciam ideação suicida</li> <li>• Estar vivenciando o ensino regular, especial ou profissionalizante</li> <li>• Sintomas depressivos</li> </ul>

Rossow <i>et al.</i> , 2007	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abuso de substâncias</li> </ul>
Laukkanen <i>et al.</i> , 2009	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abuso de substâncias</li> <li>• Comportamento agressivo</li> <li>• Indivíduos que vivenciam baixo desempenho acadêmico</li> <li>• Indivíduos que vivenciam o divórcio familiar</li> <li>• Relações interpessoais perturbadas</li> <li>• Sexo feminino</li> <li>• Sintomas depressivos</li> </ul>
Jutengren, Kerr, Stattin, 2011	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Indivíduos que vivenciam <i>bullying</i></li> </ul>
Tsai <i>et al.</i> , 2011	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abuso de substâncias</li> <li>• Indivíduos que vivenciam abuso</li> <li>• Ansiedade excessiva</li> <li>• Indivíduos com histórico de cefaleia recorrente</li> <li>• Indivíduos com envolvimento em relação sexual desprotegida</li> <li>• Dificuldade em estabelecer interação social</li> <li>• Sexo feminino</li> <li>• Sintomas depressivos</li> </ul>
Lundh <i>et al.</i> , 2011	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sexo feminino</li> <li>• Sintomas depressivos</li> </ul>
Aktepe; Çaliskan; Sönmez, 2013	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ansiedade excessiva</li> <li>• Sintomas depressivos</li> </ul>
Zetterqvist, Lundh, Svedin, 2014	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Indivíduos que vivenciam abuso</li> <li>• Ansiedade excessiva</li> <li>• Indivíduos que vivenciam <i>bullying</i></li> <li>• Indivíduos que vivenciam a presença de doença/deficiência nos membros da família</li> <li>• Sexo feminino</li> <li>• Sintomas depressivos</li> </ul>
Brunner <i>et al.</i> , 2014	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abuso de substâncias</li> <li>• Ansiedade excessiva</li> <li>• Indivíduos com baixa condição financeira</li> <li>• Comunicação ineficaz entre pais e adolescentes</li> <li>• Indivíduo com histórico de tentativa de suicídio</li> <li>• Indivíduos com histórico de negligência dos pais</li> <li>• Indivíduos que vivenciam <i>bullying</i></li> <li>• Sexo feminino</li> <li>• Sintomas depressivos</li> </ul>
Garisch; Wilson, 2015	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abuso de substâncias</li> <li>• Ansiedade excessiva</li> <li>• Autoestima inadequada</li> <li>• Controle de impulso ineficaz</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldade em expressar emoções</li> <li>• Dificuldade em regular emoções</li> <li>• Indivíduos que vivenciam crise de identidade sexual</li> <li>• Sintomas depressivos</li> </ul>
Heerde <i>et al.</i> , 2015	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abuso de substâncias</li> <li>• Dificuldade em estabelecer interação social</li> <li>• Sexo feminino</li> <li>• Sintomas depressivos</li> </ul>
Wan <i>et al.</i> , 2015	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relações interpessoais perturbadas</li> <li>• Indivíduos com baixa condição financeira</li> <li>• Indivíduos com histórico de abuso na infância</li> <li>• Indivíduos que vivenciam abuso</li> </ul>
Huang <i>et al.</i> , 2017	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abuso de substâncias</li> <li>• Apoio social inadequado</li> <li>• Autoestima inadequada</li> <li>• Indivíduos com baixa condição financeira</li> <li>• Controle de impulso ineficaz</li> <li>• Indivíduos que vivenciam baixo desempenho acadêmico</li> <li>• Indivíduos separados dos pais</li> <li>• Morar em áreas suburbanas</li> <li>• Relações interpessoais perturbadas</li> <li>• Sexo feminino</li> <li>• Sintomas depressivos</li> </ul>
Madjar <i>et al.</i> , 2017a	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoio social inadequado</li> <li>• Autoestima inadequada</li> <li>• Dificuldade em estabelecer interação social</li> <li>• Sexo masculino</li> <li>• Sintomas depressivos</li> </ul>
Madjar <i>et al.</i> , 2017b	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoio social inadequado</li> <li>• Dificuldade em estabelecer interação social</li> </ul>
Santos <i>et al.</i> , 2018	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comunicação ineficaz entre pais e adolescentes</li> <li>• Exposição a comportamentos de automutilação não suicidas por pares</li> <li>• Indivíduos com histórico de comportamentos de automutilação não suicidas</li> <li>• Indivíduos que vivenciam a presença de doença/deficiência nos membros da família</li> <li>• Indivíduos que vivenciam baixo desempenho acadêmico</li> <li>• Indivíduos que vivenciam o divórcio familiar</li> <li>• Indivíduos que vivenciam perda de relações interpessoais significativas</li> <li>• Relações interpessoais perturbadas</li> <li>• Sintomas depressivos</li> </ul>
Lin <i>et al.</i> , 2018	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldade em regular emoções</li> <li>• Sintomas depressivos</li> </ul>

Esposito, Bacchini, Affuso, 2019	<ul style="list-style-type: none"> <li>Indivíduos que vivenciam <i>bullying</i></li> </ul>
Li <i>et al.</i> , 2019	<ul style="list-style-type: none"> <li>Alfabetização inadequada em saúde</li> <li>Sexo masculino</li> <li>Uso problemático do celular/jogos</li> </ul>
Soudabeh <i>et al.</i> , 2020	<ul style="list-style-type: none"> <li>Abuso de substâncias</li> <li>Indivíduos que vivenciam baixo desempenho acadêmico</li> </ul>
Lockwood <i>et al.</i> , 2020	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ansiedade excessiva</li> <li>Controle de impulso ineficaz</li> <li>Dificuldade em regular emoções</li> <li>Sentimento negativo</li> <li>Sintomas depressivos</li> </ul>
Nemati <i>et al.</i> , 2020	<ul style="list-style-type: none"> <li>Apoio social inadequado</li> </ul>
Bousño <i>et al.</i> , 2021	<ul style="list-style-type: none"> <li>Abuso de substâncias</li> <li>Dificuldade em estabelecer interação social</li> <li>Hiperatividade</li> <li>Relações interpessoais perturbadas</li> <li>Sintomas depressivos</li> </ul>
Jeong, Kim, 2021	<ul style="list-style-type: none"> <li>Indivíduos com baixa condição financeira</li> <li>Estar vivenciando o ensino regular, especial ou profissionalizante</li> <li>Sexo feminino</li> <li>Sintomas depressivos</li> <li>Uso problemático do celular/jogos</li> </ul>
Thai <i>et al.</i> , 2021	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ansiedade excessiva</li> <li>Estresse excessivo</li> <li>Indivíduos com histórico de abuso na infância</li> <li>Indivíduos que vivenciam baixo desempenho acadêmico</li> <li>Indivíduos que vivenciam <i>bullying</i></li> <li>Indivíduos que vivenciam o divórcio familiar</li> <li>Relações interpessoais perturbadas</li> <li>Sintomas depressivos</li> </ul>
Zhou <i>et al.</i> , 2022	<ul style="list-style-type: none"> <li>Apoio social inadequado</li> <li>Dificuldade em expressar emoções</li> <li>Dificuldade em regular emoções</li> <li>Estar vivenciando o ensino regular, especial ou profissionalizante</li> <li>Indivíduos com dificuldade em assimilar a realidade</li> <li>Indivíduos que vivenciam o divórcio familiar</li> <li>Sexo feminino</li> </ul>
Menezes, Faro, 2023	<ul style="list-style-type: none"> <li>Indivíduos com histórico de abuso na infância</li> </ul>

Fonte: Autoria própria.

Relativo aos consequentes, 15 literaturas dissertam sobre as consequências do conceito “Automutilação”. Dentre os 25 consequentes mais identificados, foram: Ansiedade excessiva; Desenvolvimento de transtornos mentais; Obtenção do alívio; Presença de cicatrizes; e Tentativa de suicídio.

**Quadro 04.** Consequentes do conceito Automutilação em adolescentes escolares. Recife – PE (2024).

Autor e Ano de publicação	Consequentes
Ross; Heath, 2002	-
Hawton <i>et al.</i> , 2002	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolvimento de transtornos mentais</li> <li>• Risco de suicídio</li> <li>• Ser encaminhado ao hospital</li> </ul>
Brunner <i>et al.</i> , 2007	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comportamento suicida</li> <li>• Ideação Suicida</li> <li>• Tratamento psicológico</li> </ul>
Rosso <i>et al.</i> , 2007	-
Laukkonen <i>et al.</i> , 2009	-
Jutengren; Kerr; Stattin, 2011	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Obtenção do alívio</li> <li>• Recorrência de automutilação</li> </ul>
Tsai <i>et al.</i> 2011	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ansiedade excessiva</li> <li>• Angústia elevada</li> <li>• Presença de cicatrizes</li> </ul>
Lundh <i>et al.</i> , 2011	-
Aktepe; Çaliskan; Sönmez, 2013	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Suicídio</li> <li>• Tentativa de suicídio</li> </ul>
Zetterqvist; Lundh; Svedin, 2014	-
Brunner <i>et al.</i> , 2014	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tentativa de suicídio</li> <li>• Acompanhamento médico devido à automutilação</li> </ul>
Garisch; Wilson, 2015	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ansiedade excessiva</li> <li>• Co - ocorrência de depressão</li> <li>• Dificuldade em expressar e em identificar emoções</li> <li>• Dificuldade em regular emoções</li> <li>• Obtenção de alívio</li> <li>• Angústia elevada</li> <li>• Sentimento de perda de controle</li> </ul>
Heerde <i>et al.</i> , 2015	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolvimento de transtornos mentais</li> <li>• Suicídio</li> </ul>
Wan <i>et al.</i> , 2015	-
Huang <i>et al.</i> , 2017	-
Madjar <i>et al.</i> , 2017a	-

Madjar <i>et al.</i> , 2017b	-
Santos <i>et al.</i> , 2018	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ansiedade excessiva</li> <li>• Dificuldade em estabelecer interação social</li> <li>• Dor aguda relacionada à automutilação</li> <li>• Indivíduo com indisposição</li> <li>• Sentimento de tristeza</li> <li>• Sentimento de culpa</li> <li>• Sentimento de vergonha</li> </ul>
Lin <i>et al.</i> , 2019	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Obtenção de alívio</li> </ul>
Esposito; Bacchini; Affuso, 2019	-
Li <i>et al.</i> , 2019	-
Soudabeh <i>et al.</i> , 2020	-
Lockwood <i>et al.</i> , 2020	-
Nemati <i>et al.</i> , 2020	-
Bousño <i>et al.</i> , 2021	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dor aguda relacionada à automutilação</li> <li>• Obtenção de alívio</li> </ul>
Jeong; Kim, 2021	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser encaminhado ao hospital</li> <li>• Tentativa de suicídio</li> </ul>
Thai <i>et al.</i> , 2021	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recorrência da automutilação</li> <li>• Presença de cicatrizes</li> <li>• Problemas de saúde mental</li> </ul>
Zhou <i>et. al.</i> , 2022	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Risco de suicídio</li> </ul>
Menezes; Faro, 2023	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolvimento de transtornos mentais</li> <li>• Dificuldade em estabelecer interação social</li> <li>• Presença de cicatrizes</li> <li>• Sentimento de culpa</li> <li>• Sentimento de vergonha</li> </ul>

Fonte: Autoria própria.

Ao concluir essas etapas, conceituou-se automutilação para adolescentes escolares como: *dano ou lesão em qualquer parte do tecido corporal realizada pelo próprio indivíduo a si mesmo de forma deliberada sem a intenção suicida*.

Diante da conceituação da automutilação, elabora-se o caso modelo para evidenciar, com maior clareza, o conceito de Automutilação para adolescentes escolares:

*A.A.C, 15 anos de idade, estudante de uma escola localizada na comunidade Vietnã, aluna regular do 1 ano do ensino médio, foi solicitada para ir à sala da coordenação pedagógica para conversar com a psicóloga, isso porque um dos professores a notou uma dificuldade em estabelecer interação social com os colegas. Durante a conversa, a psicóloga e a coordenadora observaram que A.A.C apresentava sintomas depressivos. Ela explicou que*

*não se sentia mais confortável com os colegas de sala, e que preferia se afastar de todos, pois ultimamente as brincadeiras estavam se tornando insuportáveis e de cunho sexual, o que a deixava triste, enfurecida e incomodada diante de toda situação e ia para escola nervosa e ansiosa com as brincadeiras que poderiam acontecer. Diante desse relato, concluiu-se também a vivencia bullying e ansiedade excessiva. A psicóloga questionou com quem ela vivia em casa, e como era a relação com os pais, a adolescente balançou a cabeça e respondeu que não gostava de falar sobre isso, pois não estavam bem, explicando há presença de uma comunicação ineficaz entre pais e a adolescente como também relações interpessoais perturbadas. Para mudar de assunto, a coordenadora questionou o que A.A.C gostava de fazer nas horas vagas, e se percebeu o uso problemático do celular, já que ela respondeu que ficava à maior parte do tempo no Youtube e TikTok . Ao final, identificaram a presença de uma autoestima inadequada por A.A.C comunica que estava bastante insegura e que não conseguia se achar legal ou bonita e por isso achava que os colegas a insultava. A coordenadora e a psicóloga descobriram que família de A.A.C estava com baixa condição financeira e que ela ainda relatou que estava com medo do vestibular, que precisava tirar uma boa nota porque seu pai não iria pagar uma universidade privada para ela, já que seus outros irmãos passaram na universidade pública. A psicóloga notou o hábito de roer as unhas, e que apesar de usar um casaco de manga longa, observou discretamente algumas cicatrizes leves na face anterior de um dos antebraços. Ao ficarem sozinhas, a psicóloga conduziu o diálogo até que conseguiu chegar aos questionamentos sobre os cortes na pele, perguntou por que ela fazia aquilo e se havia a intenção de morrer. A.A.C explicou que a intenção era obtenção de alívio, mas que tinha vergonha e tristeza por fazer isso e até envergonhada. Em alguns momentos, A.A.C machucava a si própria e ficava angustiada e ansiosa se alguém notasse as lesões. A adolescente foi encaminhada para realizar um acompanhamento pelo Sistema Único de Saúde, e começou a realizar visitas mensais à psicóloga da escola.*

Analizando esse caso modelo, define-se os atributos definidores do conceito de automutilação em adolescentes escolares como cortes na pele e a presença de cicatrizes que representam a destruição do tecido corporal. Outro atributo definidor é ausência de intenção suicida. Além disso, referente aos atributos antecedentes, nota-se a presença de dificuldade em estabelecer interação social, comunicação ineficaz entre pais e adolescentes, relações interpessoais perturbadas, sintomas depressivos, autoestima inadequada, ansiedade excessiva, indivíduos que vivenciam baixo desempenho acadêmico, indivíduos com baixa condição financeira, indivíduos que vivenciam bullying e estar vivenciando o ensino regular, especial ou profissionalizante e o uso problemático do celular. Sobre os consequentes, a presença de cicatrizes, obtenção de alívio, sentimento de culpa, vergonha, tristeza e angústia elevada aconteceram após ocorrer a automutilação.

Construiu-se caso contrário com intuito de exemplificar o que não é atribuído à automutilação, da seguinte forma:

*A.A.C, 15 anos de idade, estudante de uma escola localizada na comunidade Vietnã, aluna regular do 1 ano do ensino médio, foi encontrada desacordada no chuveiro do vestiário da escola por uma auxiliar de serviços gerais. O serviço de atendimento médico de urgência foi chamado, os professores receberam as primeiras instruções de cuidado para realizar ainda na escola, visto que a adolescente apresentava lesões profundas na face anterior de ambos os antebraços, características de autolesão. Além disso, observaram a autointoxicação por medicamento. Foi conduzida para um hospital de urgência e emergência. No hospital, fora encontrado seu registrado de saúde que descreve que A.A.C tinha histórico anterior de tentativa de suicídio por ingestão de medicações.*

Nota-se, no caso contrário, a presença de lesão profundas e a ingesta de medicamentos ambas com intenção suicida. Ao apresentar este objetivo, esse comportamento distingue-se da automutilação, uma vez que essa não apresenta intenção suicida.

Por fim, na identificação do referencial empírico, identificou nos 29 estudos, os instrumentos utilizados para registrar a presença da automutilação, bem como a frequência e a condição biopsicossocial dos adolescentes, como descrito no quadro 05.

**Quadro 05.** Referencial empírico do conceito de automutilação em adolescentes escolares. Recife-PE (2024).

<b>Autor e Ano de publicação</b>	<b>Referencial Empírico</b>
Ross; Heath, 2002	Questionário semiestruturado elaborado pelos autores.
Hawton <i>et al.</i> , 2002	Questionário semiestruturado elaborado pelos autores.
Brunner <i>et al.</i> , 2007	Versão alemã do <i>Youth Self-Report</i> e a <i>self-report version of the Child Behavior Checklist</i> .
Rossow <i>et al.</i> , 2007	Questionário semiestruturado elaborado pelos autores.
Laukkanen <i>et al.</i> , 2009	Questionário semiestruturado elaborado pelos autores baseado no estudo qualitativo de Rissanen (2003)
Jutengren, Kerr, Stattin, 2011	Questionário semiestruturado elaborado pelos autores baseado no 9-item DSHI de Bjarehed and Lundh (2008), que é uma versão simplificada 16-item DSHI by Lundh, Karim, and Quilisch (2007) que se baseou no 17-item DSHI by Gratz (2001).
Tsai <i>et al.</i> , 2011	Questionário semiestruturado elaborado pelos autores.

Lundh <i>et al.</i> , 2011	Versão modificada com 9-Item Version Revised (DSHI-9r). Baseou-se na versão Deliberate Self-Harm Inventory de Gratz (2001).
Aktepe; Çaliskan; Sönmez, 2013	Questionário semiestruturado elaborado pelos autores.
Zetterqvist, Lundh, Svedin, 2014	The Functional Assessment of Self-Mutilation (FASM) by Lizzie Wilson (2018)
Brunner <i>et al.</i> , 2014	Questionário de seis itens elaborado pelos autores baseado no 9-item DSHI de Bjarehed and Lundh (2008), que é uma versão simplificada 16-item DSHI by Lundh, Karim, and Quilisch (2007) que se baseou no 17-item DSHI by Gratz (2001).
Garisch; Wilson, 2015	Versão simplificada do Deliberate Self-Harm Inventory (DSHI-s) de Gratz (2001) feita por Lundh, Karim, Quilisch, (2007).
Heerde <i>et al.</i> , 2015	Questionário semiestruturado elaborado pelos autores.
Wan <i>et al.</i> , 2015	Questionário semiestruturado elaborado pelos autores.
Huang <i>et al.</i> , 2017	Questionário semiestruturado elaborado pelos autores.
Madjar <i>et al.</i> , 2017a	Questionário semiestruturado elaborado pelos autores baseado no Non-Suicidal Self-Injury Assessment Tool (NSSI-AT) (Whitlock, Exner - Cortens, Purinton, 2014)
Madjar <i>et al.</i> , 2017b	Questionário semiestruturado elaborado pelos autores baseado no Non-Suicidal Self-Injury Assessment Tool (NSSI-AT) (Whitlock, Exner - Cortens, Purinton, 2014)
Santos <i>et al.</i> , 2018	Questionário semiestruturado elaborado pelos autores.
Lin <i>et al.</i> , 2018	Questionário semiestruturado elaborado pelos autores baseado no Deliberate Self-Harm Inventory (Gratz, 2001) e estudos de Giletta <i>et al.</i> , (2012); Wan et al. (2015)
Esposito, Bacchini, Affuso, 2019	Six-item scale baseado em nos estudos de Giletta <i>et al.</i> , 2012 e Prinstein <i>et al.</i> , 2008.
Li <i>et al.</i> , 2019	Questionário semiestruturado elaborado pelos autores baseado no estudo de Wan <i>et al.</i> , 2011, sobre se já praticou e a forma da automutilação.
Soudabeh <i>et al.</i> , 2020	Questionário semiestruturado elaborado pelos autores.
Lockwood <i>et al.</i> , 2020	Versão modificada do questionário Lifestyle and Coping Questionnaire (LCQ; Madge <i>et al.</i> , 2008)
Nemati <i>et al.</i> , 2020	Questionário semiestruturado elaborado pelos autores.
Bousño <i>et al.</i> , 2021	Versão modificada de 6 itens (Brunner <i>et al.</i> , 2014) do Deliberate Self-Harm Inventory (DSHI-s) de Gratz (2001)
Jeong, Kim, 2021	Questionário semiestruturado elaborado pelos autores.
Thai <i>et al.</i> , 2021	The Functional Assessment of Self-Mutilation (FASM) by Lizzie Wilson (2018)
Zhou <i>et al.</i> , 2022	Ottawa Self-Injury Inventory; Coping Styles Scale
Menezes, Faro, 2023	Inventário de Autolesão Deliberada (IAD-r) (Menezes; Faro, no prelo). O IAD-r consiste na tradução para o português da

	versão simplificada do Deliberate Self-Harm Inventory (DSHI-s) (Lundh, Karim, Quilisch, 2007)."
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Autoria própria.

É visível que a maioria dos estudos evidenciaram o fenômeno da automutilação por meio de perguntas diretas ou autorrelatos dos jovens. Parte das literaturas, utilizaram a versão simplificada do *Deliberate Self-Harm Inventory* (DSHI-s) de Gratz (2001), o qual investiga o início e a forma da automutilação, mas sem intenção suicida, e já com a modificação realizada por Lundh, Karim, e Quilisch (2007), analisa a frequência e não exclui a intenção suicida.

## DISCUSSÃO

A automutilação é definida como lesão ou dano ao tecido corporal realizada pelo próprio indivíduo em si, de baixa letalidade, feita de forma deliberada e sem intuito de suicídio (Ross; Heath, 2002; Hawton *et al.*, 2002; Rossow *et al.*, 2007; Laukkanen *et al.*, 2009; Jutengren; Kerr; Stattin, 2011; Tsai *et al.*, 2011; Aktepe; Çaliskan; Sönmez, 2013; Heerde *et al.*, 2015; Wan *et al.*, 2015; Zetterqvist; Lundh; Svedin, 2014; Madjar *et al.*, 2017a; Madjar *et al.*, 2017b; Garisch; Wilson, 2015; Santos *et al.*, 2018; Lin *et al.*, 2018; Li *et al.*, 2019; Esposito; Bacchini; Affuso, 2019; Soudabeh *et al.*, 2020; Nemati *et al.*, 2020; Jeong; Kim, 2021; Thai *et al.*, 2021; Zhou *et. al.*, 2022).

Entretanto, é relevante evidenciar que algumas literaturas, como Brunner *et al.* (2007), Lundh *et al.* (2011), Brunner *et al.* (2014), Huang *et al.* (2017), Lockwood *et al.* (2020), Bousoño *et al.* (2021) e Menezes e Faro (2023), consideram a automutilação como a autolesão, ainda que esteja ou não presente a tentativa suicídio.

Lockwood e autores (2020) argumentam que automutilação é ambígua nas suas motivações, e por isso, não deveria ser analisado a tentativa ou não de suicídio. De forma similar, Bousoño *et al.* (2021) apresentam, em seus estudos, que a automutilação é uma ação deliberada que possui comportamento diretos, como corta-se, e indireto, o alcoolismo, e que não investiga a intenção suicida. Já para Brunner (2007), (2014) e Huang (2017) reforçam essa visão ao conceituar que a automutilação é a autolesão no tecido corporal independentemente da intenção suicida ou não. Logo, para esses autores, a automutilação é o dano ao próprio tecido corporal e que pode haver a tentativa de suicídio ou não, já que busca identificar se o indivíduo realiza a autolesão independentemente do objetivo desta lesão.

Ross e Heath (2002) apresentam, em seu estudo, que o conceito da automutilação é abrange tanto em casos de tentativas de suicídio como também de autolesão, apesar de discordarem dessa visão.

Nock (2010) oferece uma construção mais clara do conceito de automutilação. O qual definiu esse comportamento como a destruição do tecido corporal pelo ser humano em si. Todavia, diante da intenção suicida, é classificada como autolesão suicida. Nesse sentido, para Nock (2010) a automutilação não apresenta características de ideação suicida, o planejamento e a tentativa de suicídio. Logo, a diferença entre a automutilação e tentativa de suicídio é a motivação, isto é, a automutilação não apresenta intenção suicida, como fora defendido por (Ross; Heath, 2002; Hawton *et al.*, 2002; Rossow *et al.*, 2007; Laukkanen *et al.*, 2009; Jutengren; Kerr; Stattin, 2011; Tsai *et al.*, 2011; Aktepe; Çaliskan; Sönmez, 2013; Heerde *et al.*, 2015; Wan *et al.*, 2015; Zetterqvist; Lundh; Svedin, 2014; Madjar *et al.*, 2017a; Madjar *et al.*

*al.*, 2017b; Garisch; Wilson, 2015; Santos *et al.*, 2018; Lin *et al.*, 2018; Li *et al.*, 2019; Esposito; Bacchini; Affuso, 2019; Soudabeh *et al.*, 2020; Nemati *et al.*, 2020; Jeong; Kim, 2021; Thai *et al.*, 2021; Zhou *et. al.*, 2022).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) reforça a conceituação deste trabalho ao definir a automutilação como “comportamento repetido do próprio indivíduo de infligir lesões superficiais, embora dolorosas, à superfície do seu corpo”. A DMS – 5 aponta que o critério diagnostico da automutilação não suicida é: dano intencional autoinfligido à superfície do seu corpo que acarreta uma lesão física menor ou moderado e sem intenção suicida (American Psychiatric Association, 2014, p. 804)

Outro aspecto que pode ajudar nesse momento conceitual é o entendimento da motivação, finalidade e função do ato. Assim, durante a construção deste estudo, interpretando as razões para a ocorrência da automutilação, percebeu-se que uma das principais características desse fenômeno é a ausência da tentativa/ e do suicídio, visto que o objetivo da autolesão é ser um meio de lidar com os sentimentos negativos, minimizar o sofrimento mental, reduzir a ansiedade e a angustia e de ter autocontrole e autorregulação (Ross; Heath, 2002; Laukkanen *et al.*, 2009; Jutengren; Kerr; Stattin, 2011; Tsai *et al.*, 2011; Aktepe; Çaliskan; Sönmez, 2013; Zetterqvist; Lundh; Svedin, 2014; Garisch; Wilson, 2015; Santos *et al.*, 2018; Li *et al.*, 2019; Esposito; Bacchini; Affuso, 2019; Soudabeh *et al.*, 2020; Nemati *et al.*, 2020; Jeong; Kim, 2021; Thai *et al.*, 2021; Zhou *et. al.*, 2022).

Em adição, o DMS-5 ainda elucida que a diferença entre o comportamento suicida e a automutilação não suicida é o objetivo do comportamento, isto é, a presença do desejo de morrer enquanto que na automutilação é a obtenção de alívio (American Psychiatric Association, 2014, p. 805).

As formas que ocorrem a automutilação auxiliam na conceituação deste estudo, pois elas variam deste de corta-se, queima-se, arranha-se, socar-se, belisca-se, arrancar cabelos, morde-se, impedir a cicatrização de feridas e inserir objetos pontiagudos na pele ou sob a unha (Ross; Heath, 2002; Laukkanen *et al.*, 2009; Jutengren; Kerr; Stattin, 2011; Tsai *et al.*, 2011; Aktepe; Çaliskan; Sönmez, 2013; Zetterqvist; Lundh; Svedin, 2014; Garisch; Wilson, 2015; Santos *et al.*, 2018; Li *et al.*, 2019; Esposito; Bacchini; Affuso, 2019; Soudabeh *et al.*, 2020; Nemati *et al.*, 2020; Jeong; Kim, 2021; Thai *et al.*, 2021; Zhou *et. al.*, 2022; Menezes; Faro, 2023; Lockwood *et al.*, 2020; Bousño *et al.* 2021).

Ratifica – se a conceituação de automutilação como autolesão deliberada, sem intenção suicida, por meio dos instrumentos aplicados nos estudos que compõem esta revisão de escopo. O DSHI-s de Gratz (2001), avalia a automutilação por meio da descrição, a

frequência e o início do autodano. Já o *The Functional Assessment of Self-Mutilation* (FASM) (Wilson, 2018) e o questionário autoaplicado realizado no estudo por Esposito *et al.* (2019), analisam a razão do jovem para prática da automutilação como também a descrição e a frequência, reforçando a conceituação de que a automutilação está desvinculada de intenção suicida.

Ademais, através do estudo realizado com adolescentes e adultos de Santa Catarina-Brasil, notou-se que há características na tentativa de suicídio que divergem da automutilação. As tentativas de suicídio ocorreram por meio do autoenvenenamento, intoxicação exógena, enforcamento e lesões com perfurocortante com maior grau de letalidade. Enquanto, que a automutilação aconteceu, frequentemente, com objetos perfurocortantes, e muitos casos existia o histórico de automutilação no jovem. Ressalta-se que, na tentativa de suicídio, há o planejamento para que a intenção suicida seja efetivada como exposto por Nock (2010), enquanto que na automutilação a busca promover o alívio emocional (Pinheiro; Warmling; Coelho, 2021).

Em consonância ao pensamento de Pinheiro, Warmling, Coelho (2021), Fogaça e *et al.*, (2023) confirmam, através de suas pesquisas, que a tentativa de suicídio ocorre com uso de intoxicação de medicamentos de uso pessoal, drogas ilícitas e armas brancas, sendo essa última comum para o sexo masculino. E o fato da autointoxicação e do autoenvenenamento objetivarem finalizar a vida já faz que essa atitude seja desconsiderada como uma forma de automutilação, como defendido nos estudos de Pinheiro; Warmling; Coelho (2021), Jeong; Kim, 2021 e na dissertação de Giusti (2013).

Todavia, alguns artigos desta revisão, como Hawton *et al.* (2002), Rossow *et al.* (2007), Wan *et al.* (2015), dissertam que a ingestão de objetos tóxicos ou de substâncias com o intuito de causar ferimentos e não a morte também são formas de automutilação.

É importante também esclarecer que comportamento de risco não é uma forma de automutilação. A priori, o comportamento de risco à saúde pode ser definido como “padrão de comportamento que predispõe certos indivíduos a aumentar o risco de contrair doenças ou sofrer lesões corporais. Esses comportamentos podem se agrupar em um estilo de vida arriscado” (Descritores em Ciências da Saúde, 2024). Muitos pesquisadores, como Laukkanen *et al.*, (2009), Tsai *et al.*, (2011), Garisch; Wilson, (2015), Soudabeh *et al.*, (2020), Lockwood *et al.* (2020), Bousono *et al.* (2021), dissertam que os comportamentos de risco são formas de autolesão, uma vez que essas ações podem levar o jovem a cometer atitudes impulsivas que podem comprometer a vida. Todavia, a automutilação são cortes superficiais, visíveis e que o jovem apresenta controle na forma da lesão, enquanto que no uso de entorpecentes ocorre uma

ação sistemática no organismo, isto é, compromete mais de um tecido, além de ser invisível aos olhos e “não controlado” (Giusti, 2013).

Mesmo ocorrendo as incongruências na conceituação, sabe-se que fenômeno da automutilação é multifatorial e essa situação foi agravada pelo cenário de desesperança e de esgotamento social, provocado pela pandemia da COVID-19, que resultou e em declínio da saúde mental, especialmente entre os principalmente dos jovens (Rosa, 2019; Twenge, 2024). Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU, 2024), aproximadamente 20% da população jovem apresenta transtornos mentais e pratica automutilação, refletindo a crescente fragilidade da saúde mental nesse grupo. No Brasil, essa problemática também é evidente, conforme o aumento dos casos de violência autoprovocada entre jovens, como relatado no Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (Brasil, 2024).

Dessa forma, identificar esses fatores que antecedem e sucedem, possibilitam o esclarecimento do conceito de automutilação, tendo em vista que é necessário analisar os diversos ambientes sociais que o jovem translada e suas interpretações e reações a essas vivências para haver tal conceituação (Pasini *et al.*, 2020).

A *World Health Organization* (WHO) aponta que vivenciar experiências adversas durante a infância - *adverse childhood experience (ACE)* - é um direcionador para o desenvolvimento da automutilação pelos jovens. Para eles, eventos adversos na infância são abusos emocionais, físicos e sexuais, instabilidade na relação intrafamiliar, recursos financeiros reduzidos, baixo acesso ao lazer, viver em locais de conflitos ou catástrofes (WHO, 2020).

Hawton *et al.* (2002), Zetterqvist e autores (2014), Wan *et al.* (2015), Menezes e Faro (2023), Tsai *et al.* (2011) identificam que os indivíduos que vivenciam abuso emocional, físico e sexual apresentam maiores riscos de realizar a automutilação, já que essa adversidade afeta a edificação da maturidade e da regulação emocional, permitindo o jovem sentir a ansiedade e o estresse.

As relações interpessoais perturbadas, principalmente no ambiente familiar, podem ser fatores antecedentes para automutilação, conforme elucidado por Brunner *et al* (2007), Brunner *et al.* (2014), Heerde *et al.* (2015), Huang *et al.* (2017), Santos e pesquisadores (2018). Essa condição é também referenciada nos estudos de Hawton *et al.* (2002) e Tsai *et al.* (2011) ao denotar que a automutilação pode afetar os indivíduos que vivenciam o divórcio familiar. O afastamento dos pais em relação à vida do jovem também contribui para aumento do risco de automutilação, posto que os responsáveis e os adolescentes apresentam uma comunicação ineficaz e a perda de relações interpessoais significativas que colaboram para a o desenvolvimento de um apoio social inadequado pelos pais (Lundh *et al.*, 2011; Brunner *et al.*,

2014; Madjar *et al.*, 2017a; Huang *et al.*, 2017; Santos *et al.*, 2018; Nemati *et al.*, 2020; Zhou *et al.*, 2022).

Outrossim, ainda analisando o aspecto familiar, observou-se que os jovens que vivenciam a presença de doença/deficiência nos membros da família podem apresentar a automutilação por experimentar sentimentos de ansiedade, angustia e medo diante do cenário do adoecimento de um familiar (Brunner *et al.*, 2007; Zetterqvist, Lundh, Svedin, 2014; Santos *et al.*, 2018).

Sobre a questão financeira, Brunner *et al.* (2014), Huang *et al.* (2017) Zhou *et al.* (2022) e Jeong; Kim (2021), concordam que jovens que vivenciam uma baixa condição financeiras podem apresentar sentimento de incerteza e de ansiedade devido à instabilidade financeira. E isso pode pressioná-los a adentrar no ensino superior e a trabalhar precocemente além de gerar o comportamento de automutilação nos jovens.

Apesar deste estudo não buscar a divergências entre a automutilação entre os adolescentes do sexo feminino e masculino, observou-se que o sexo feminino foi o grupo mais vulnerável a cometer a automutilação (Ross; Heath, 2002; Hawton *et al.*, 2002 Laukkanen *et al.*, 2009, Tsai *et al.*, 2011, Lundh *et al.*, 2011; Zetterqvist, Lundh, Svedin, 2014; Brunner *et al.*, 2014; Heerde *et al.*, 2015; Huang *et al.*, 2017; Jeong, Kim, 2021). A imagem corporal distorcida, autoestima inadequada e dificuldade de regular as emoções são motivos que colaboram para presença da automutilação nesse sexo (Brunner *et al.*, 2007; Zhou *et al.*, 2022).

As pessoas que vivenciam o *bullying* podem apresentar o aumento do sentimento negativo, da baixa autoestima, da dificuldade em estabelecer interação social e que tais condição influenciam no uso da automutilação como forma de regular a emoção (Garisch; Wilson, 2015; Hawton *et al.*, 2002; Brunner *et al.*, 2014; Heerde *et al.*, 2015; Lin *et al.*, 2018 Esposito *et al.*, 2019; Lockwood *et al.*, 2020 Zhou *et al.*, 2022). Ademais, o aspecto negativo das relações sociais dentro da sala de aula também é mais um elemento que pode potencializar o risco de automutilação (Madjar *et al.*, 2017a; Madjar *et al.*, 2017b).

Os jovens com baixo rendimento escolar podem exibir instabilidade emocional e sobrecarga mental que levam ao aumento dos pensamentos negativos, os quais são fatores para perpetração da automutilação nesta faixa etária (Brunner *et al.*, 2007; Laukkanen *et al.*, 2009; Huang *et al.*, 2017; Santos *et al.*, 2018; Soudabeh *et al.*, 2020; Jeong; Kim, 2021; Thai *et al.*, 2021).

Refletindo sobre o ambiente escolar e familiar, nota-se que exposição a comportamentos de automutilação não suicidas por parte de colegas e de familiares influenciam

a presença de automutilação entre os adolescentes escolares (Hawton *et al.*, 2002; Santos *et al.*, 2018).

A ansiedade excessiva e sintomas de depressão são fatores determinantes e relevantes para o risco de automutilação entre os adolescentes escolares (Ross; Heath, 2002; Hawton *et al.*, 2002; Brunner *et al.*, 2007; Laukkanen *et al.*, 2009; Tsai *et al.*, 2011; Lundh *et al.*, 2011; ; Aktepe; Çaliskan; Sönmez, 2013; Zetterqvist; Lundh; Svedin, 2014; Brunner *et al.*, 2014; Garisch; Wilson, 2015; Heerde *et al.*, 2015; Huang *et al.*, 2017; Madjar *et al.*, 2017a; Lin *et al.*, 2018 Lockwood *et al.*, 2020; Bousño *et al.*, 2021; Jeong, Kim, 2021; Thai *et al.*, 2021; ). Para esses autores, a angústia, os sentimentos negativos, controle de impulso ineficaz (impulsividade), dificuldade em regular emoções e autoestima inadequada proporcionam um declínio da saúde mental (Hawton *et al.*, 2002; Garisch; Wilson, 2015; Huang *et al.*, 2017; Madjar *et al.*, 2017a; Lin *et al.*, 2018; Lockwood *et al.*, 2020; Zhou *et al.*, 2022).

Deve-se destacar também o abuso de substâncias é mais um fator antecedente da automutilação entre os adolescentes escolares (Hawton *et al.*, 2002; Rossow *et al.*, 2007; Laukkanen *et al.*, 2009; Tsai *et al.*, 2011; Brunner *et al.*, 2007; Brunner *et al.*, 2014; Garisch; Wilson, 2015; Heerde *et al.*, 2015; Huang *et al.*, 2017; Soudabeh *et al.*, 2020; Bousño *et al.*, 2021). O consumo dessas substâncias promove uma fuga da realidade e regulação da emoção (Brunner *et al.*, 2007), mas abaixa o limiar para ocorrer a automutilação (Huang *et al.*, 2017). E essa condição pode ser associada à aprovação social para fazer parte de um grupo social (Tsai *et al.*, 2011), já um dos fatores que levam o jovem a cometer a automutilação é a carência de senso de pertencimento (Madjar *et al.*, 2017b).

Indivíduos que vivenciam crise da identidade sexual é também apresentam um maior risco de automutilação (Hawton *et al.*, 2002; Garisch; Wilson, 2015). Garisch; Wilson (2015) observaram em seu estudo que a questão da sexualidade, principalmente, a atração do jovem pelo mesmo sexo influencia na prática da autolesão suicida.

Diante da concretização do fenômeno da automutilação, há consequências devido essa ação e que podem repercutir em curto, médio e longo prazo. A priori, um dos principais resultados a curto prazo é a obtenção alívio (Jutengren, Kerr, Stattin, 2011; Aktepe; Çaliskan; Sönmez, 2013; Zetterqvist; Lundh; Svedin, 2014; Garisch; Wilson, 2015; Lin *et al.*, 2018; Bousño *et al.*, 2021). E essa questão é um dos atributos que colaboram para definir a automutilação como a ausência de suicídio, pois a intenção é obter alívio.

Com a obtenção de alívio, há também a liberação de neurotransmissores de dopamina que gera temporariamente a sensação de bem-estar e de regulação dos sentimentos (Ross;

Heath, 2002; Jutengren; Kerr; Stattin, 2011; Aktepe; Çaliskan; Sönmez, 2013; Zetterqvist; Lundh; Svedin, 2014).

Esses pesquisadores afirmam que essa sensação leva os jovens recorrerem à automutilação para ter esse bem-estar, gerando à médio prazo a recorrência da automutilação como também a presença de cicatrizes (Tsai *et al.*, 2011; Zetterqvist, Lundh, Svedin, 2014; Garisch; Wilson, 2015; Santos *et al.*, 2018; Thai *et al.*, 2021 Menezes; Faro, 2023).

A questão do atendimento médico/ ser encaminhado ao hospital é uma consequência a curto prazo da automutilação devido à gravidade da lesão e à dor aguda relacionada à automutilação (Hawton *et al.*, 2002; Brunner *et al.*, 2014; Santos *et al.*, 2018; Jeong, Kim, 2021; Bousoño *et al.*, 2021). Acrescenta-se ainda a necessidade de iniciar tratamento psicológico após apresentar esse comportamento problemático, uma vez que ele pode estar associado ao desenvolver transtornos mentais (Brunner *et al.*, 2007; Heerde *et al.*, 2015; Thai *et al.*, 2021; Menezes; Faro, 2023).

O estigma social é um efeito de médio prazo da automutilação entre adolescentes escolares que acarreta ainda mais a dificuldade em estabelecer interação social e a desmotivação para pedir ajuda (Aktepe; Çaliskan; Sönmez, 2013; Santos *et al.*, 2018; Menezes; Faro, 2023). Isso por que a presença das cicatrizes acarreta o surgimento do sentimento de vergonha e culpa (Tsai *et al.*, 2011; Santos *et al.*, 2018; Thai *et al.*, 2021; Menezes; Faro, 2023).

Além disso, observou-se que a automutilação pode provocar o desenvolvimento de transtornos mentais nos jovens como a tentativa e a ideação de suicídio (Hawton *et al.*, 2002; Brunner *et al.*, 2007; Heerde *et al.*, 2015; Thai *et al.*, 2021).

Devido à recorrência do fenômeno da automutilação, os jovens, a longo prazo, passam a apresentar dificuldade em expressar, em regular e em identificar emoções (Garisch; Wilson, 2015), ansiedade excessiva (Tsai *et al.*, 2011; Garisch; Wilson, 2015; Santos *et al.*, 2018), tentativa, ideação e risco de suicídio ( Hawton *et al.*, 2002; Brunner *et al.*, 2007; Aktepe; Çaliskan; Sönmez, 2013; Brunner *et al.*, 2014; Heerde *et al.*, 2015; Jeong; Kim, 2021; Zhou *et. al.*, 2022).

É válido ressaltar que a ansiedade excessiva é tanto um fator de risco como também consequente, como identificado neste estudo. Notou-se que muitos jovens, ao se autolesionarem, apresentavam ansiedade por ter medo do estigma social (Santos *et al.*, 2018). Além disso, identificou-se que a ansiedade surge devido à necessidade de realizar a autolesão para obter o alívio (Tsai *et al.*, 2011; Garisch; Wilson, 2015; Santos *et al.*, 2018).

Adentrando o aspecto do risco de suicídio, fator consequente identificado neste estudo, percebeu-se que, apesar do objetivo da autolesão ser a obtenção de alívio e redução do

sofrimento emocional, pode resultar em danos graves que pode culminar a morte. Além disso, a tentativa de suicídio apresenta uma maior probabilidade de ocorrer quanto há a recorrência da autolesão não suicida, sendo necessário uma maior investigação do histórico anterior do jovem para uma melhor compreensão desse fenômeno (American Psychiatric Association, 2014, p. 805).

Fica evidente, ao esclarecer o conceito de automutilação, baseado no modelo referencial de Walker e Avant, que existe fatores condicionantes e consequentes que precisam ser identificados para haver um esclarecimento do fenômeno da automutilação, visto que o declínio da saúde mental dos jovens é problema de saúde pública, e que pode repercutir na vida adulta (Twenge, 2024; Quesada *et al.*, 2020).

Além disso, a conceituação da automutilação e a identificação dos atributos essenciais oportuniza a sua diferenciação da tentativa do suicídio. E permitirá a construção do real cenário de automutilação dos adolescentes escolares, principalmente no contexto brasileiro, colaborando, dessa forma, para a elaboração de estratégias para prevenir e combater essa vicissitude.

É válido ressaltar que a desmitificação da automutilação promove a orientação e a capacitação dos profissionais não só na área da saúde, mas também na educação, tornando-se uma estratégia para reduzir esse quadro social (Lara, Saraiva, Conssul, 2023; Brito *et al.*, 2020).

Ademais, a clareza sobre conceituação das características da automutilação permite que profissionais de saúde, como os enfermeiros, usem práticas baseadas em evidências para lidar com o problema. E assim possam capacitar profissionais da educação por meio de atividades de orientação que informem pais, professores e os próprios alunos sobre os riscos e sinais de alerta, além de promover discussões saudáveis sobre saúde mental e bem-estar.

Sobre as limitações deste estudo, foi notório que a investigação de alguns referencias em considerar tentativa de suicídio como uma automutilação foi um entrave, pois permite que haja a concepção errônea de que há similaridade entre automutilação e tentativa de suicídio. Bem como, alguns autores considerarem o uso de substâncias ou objetos tóxicos como formas de automutilação.

## CONCLUSÃO

Por meio da identificação dos atributos, foi possível definir a automutilação entre adolescentes escolares como um dano ou lesão em qualquer parte do tecido corporal realizada pelo próprio indivíduo a si mesmo de forma deliberada sem a intenção suicida.

A automutilação entre adolescentes escolares apresenta os seguintes atributos essenciais: Destrução; Intenção; Suicídio; Comportamento; Tecido Corporal; Deliberado; Causar Ferimentos; Automutilação Não Suicida.

Também foi possível identificar 41 antecedentes da automutilação, sendo os mais citados pela literatura foram: Abuso de substâncias; Ansiedade excessiva; Sexo feminino; Sintomas depressivos; Indivíduos que vivenciam baixo desempenho acadêmico; Indivíduos que vivenciam *bullying*; e Relações interpessoais perturbadas. E identificados 25 consequentes, sendo os mais observados, foram: Ansiedade excessiva; Desenvolvimento de transtornos mentais; Obtenção do alívio; Presença de cicatrizes; e Tentativa de suicídio. Em relação às referencias empíricas, observa-se que há uma predominância no uso de questões semiestruturadas que colaboram para identificação de comportamento de automutilação por meio de um autorrelato do aluno.

Dessa forma, a análise do conceito automutilação permitiu o entendimento da relação das particularidades que envolve esse fenômeno entre adolescentes escolares para que enfermeiros da APS sejam capacitados com base nas evidências e possam atuar como ponte entre o adolescente e profissionais da educação. Tal articulação possibilitará a identificação precoce dos jovens que estão em sofrimento mental e emocional como também dos adolescentes que se autolesionam, permitindo, assim, um direcionamento e a continuidade do cuidado a esse público.

A conceituação da automutilação é o primeiro passo para o entendimento real do problema, no entanto algumas lacunas permanecem abertas, tais como: qual o impacto da automutilação na adolescência à longo prazo no adulto? Qual a relação desta com os transtornos mentais? Quais os tipos de lesão mais prevalentes? Há diferença da frequência da prática de automutilação entre homens e mulheres? Quais são as consequências, de forma geral, da automutilação? A automutilação vai além do tecido corporal? Questões estas que deverão ser respondidas em futuros estudos.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, R. A. *et al.*. Tentativa de suicídio: prevalência e fatores associados entre usuários da Atenção Primária à Saúde. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 71, n. 2, p. 133–140, abr. 2022.
- AKTEPE, E.; CALISKAN, A.; SONMEZ, Y. Self-injurious behaviour in high school students in city center of Isparta and factors psychiatrically related with this behavior. **Alpha Psychiatry**, v. 15, nº 3, p. 257-264, 2014.
- ALMEIDA, R.S. Historiografia das práticas de automutilação: produção de sentidos em narrativas de jovens no ensino superior, 2023. 94 f. **Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia**. Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.
- American Psychiatric Association (APA)*. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BEZERRA, K. A. *et al.*. Automutilação entre adolescentes: revisão sistemática com metanálise. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 32, 2023.
- BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO. Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil. **Secretaria de Vigilância em Saúde e Ministério da Saúde**, v. 55. N.4, fev. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024/boletim-epidemiologico-volume-55-no-04.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2024.
- BOUSOÑO, M. *et al.*. Alcohol use and risk factors for self-harm behavior in Spanish adolescents. **Adições**, v. 33, n. 1, p. 53, 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia prático de matriciamento em saúde mental**. Brasília, DF: MS; 2011.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Instrutivo de preenchimento da ficha de notificação/investigação individual de violência interpessoal/autoprovocada**. Brasília, DF: MS; 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília, DF: MS, 2017.

BRAUCH, A. M.; CLAPHAM, R. B.; LITTLEFIELD, A. K. Identificando déficits específicos de regulação emocional que se associam à autolesão não suicida e à ideação suicida em adolescentes. **Revista da juventude e adolescência**, v. 51, n. 3, p. 556–569, 2022.

BRITO, M. D.L. S. *et al.* Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores. **Escola Anna Nery, Rio de Janeiro**, v. 24, n. 4, p. 1-7, 2020.

BRUNNER, R *et al.* Prevalence and psychological correlates of occasional and repetitive deliberate self-harm in adolescents. **Arch Pediatr Adolesc Med.** v.161, p. 641-9, 2007.

BRUNNER, R.. *et al.* Life-time prevalence and psychosocial correlates of adolescent direct self-injurious behavior: a comparative study of findings in 11 European countries. **J Child Psychol Psychiatry.** v.55, n. 4, p. 337-48, 2014.

Cartilha para prevenção da automutilação e do suicídio | 15 a 18 anos. Andrea Amaro Quesada, Carlos Guilherme da Silva Figueiredo, Carlos Henrique de Aragão Neto, Karine da Silva Figueiredo e Marina Saraiva Garcia; ilustrações: Rafael Limaverde. Fundação Demócrito Rocha, Fortaleza, 2020.

CIDADE, N.;ZORNIG, S. Automutilações na adolescência: reflexões sobre o corpo e o tempo. **Estilos da Clínica**, 2021, V. 26, nº 1, p. 129-144

COSTA, L.C. R. *et al.* Non-suicidal self-injury and school context: perspectives of adolescents and education professionals. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)**, São Paulo, Brasil, v. 16, n. 4, p. 39–48, 2020.

COSTA, R. P. O. *et al.*, Profile of non-suicidal self-injury in adolescents: interface with impulsiveness and loneliness. **Jornal de Pediatria**, v. 97, n. 2, p. 184–190, mar. 2021.

Descritores em Ciências da Saúde: DeCS 2024. São Paulo: BIREME / OPAS / OMS, 2024. Disponível em: <http://decs.bvsalud.org/>. Acesso em: 02 dez. 2024.

ESPÓSITO, C.; BACCHINI, D.; AFFUSO, G. Adolescent non-suicidal self-injury and its relationships with school bullying and peer rejection. **Psychiatry Research**, v. 274, p. 1–6, 2019.

FOGAÇA, V.D. *et al.*, Suicide attempts by adolescents assisted in an emergency department: a cross-sectional study. **Rev Bras Enferm.** v. 76 nº2, 2023.

- GARISCH, J.A., WILSON, M.S. Prevalence, correlates, and prospective predictors of non-suicidal self-injury among New Zealand adolescents: cross-sectional and longitudinal survey data **Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health**, v. 9, nº28, 2015.
- GIUSTI, J. S. Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo. 2013, 184 f. **Tese (Doutorado em Ciências)** - Programa em Psiquiatria. Faculdade de Medicina. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- GRATZ, K.L. Measurement of Deliberate Self-Harm: Preliminary Data on the Deliberate Self-Harm Inventory. **Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment**, v. 23, p. 253–263, 2001.
- HAWTON, K. *et al.*. Deliberate self harm in adolescents: self report survey in school in England. **BMJ**, v. 325, 1207–11, 2002.
- HEERDE, J. A. *et al.* Incidence and Course of Adolescent Deliberate Self-Harm in Victoria, Australia, and Washington State. **Journal of Adolescent Health** v. 57, p. 537-544, 2015.
- HUANG, Y. H. *et al.* Correlation of impulsivity with self-harm and suicidal attempt: a community study of adolescents in Taiwan. **BMJ Open.**, v. 7, 2017.
- JEONG, J-Y; KIM, D-H. Gender Differences in the Prevalence of and Factors Related to Non-Suicidal Self-Injury among Middle and High School Students in South Korea. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, nº. 11, 2021. <https://doi.org/10.3390/ijerph18115965>
- KAPUR, N. *et al.* “Non-suicidal self-injury v. attempted suicide: new diagnosis or false dichotomy? **British Journal of Psychiatry**. v. 202. p. 326-328. 2013.
- LARA, G. D.; SARAIVA, E. S.; COSSUL, D. Automutilação na adolescência e vivência escolar: uma revisão integrativa da literatura. **Educação e Pesquisa**, v. 49, 2023.
- LAUKKANEN, E. *et al.*. The prevalence of self-cutting and other self-harm among 13- to 18-year-old Finnish adolescents. **Social psychiatry and psychiatric epidemiology**, v. 44, n. 1, p. 23–28, 2009.

LI *et al.*. Interaction of health literacy and problematic mobile phone use and their impact on non-suicidal self-injury among Chinese adolescents. **International journal of environmental research and public health**, v. 16, n. 13, p. 2366, 2019.

LIN, M. P. *et al.* Depression Mediates the Relationship between Distress Tolerance and Nonsuicidal Self-Injury among Adolescents: One-Year Follow-Up. **Suicide Life Threat. Behav.** V. 48, p. 589–600, 2018.

LUNDH, L. G *et al.* Depressive symptoms and deliberate self-harm in a community sample of adolescents. A prospective study. **Depress Res Treat.** 2011.

LUNDH, L.-G., KARIM, J., e QUILISCH, E. Deliberate self-harm in 15-year-old adolescents: A pilot study with a modified version of the Deliberate Self-Harm Inventory. **Scandinavian Journal of Psychology**, v.48. p.33–41. 2007.

MADJAR, N. *et al.* Non-suicidal self-injury within the school context: multilevel analysis of teachers' support and peer climate. **Eur. Psychiatry**, 2017.

MADJAR, N. *et al.* Repetitive vs. occasional non-suicidal self-injury and school-related factors among Israeli high school students. **Psychiatry Res.**, 2017.

MENEZES, M. S.; FARO, A. Avaliação da Relação entre Eventos Traumáticos Infantis e Comportamentos Autolesivos em Adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, 2023.

Ministério da Saúde. **Viva: instrutivo notificação de violência interpessoal e autoprovocada**. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. 92 p.

MORAES, D.X. *et al.*.. “The pen is the blade, my skin the paper”: risk factors for self-injury in adolescents. **Rev Bras Enferm.** v. 73, 2020.

MUHLEN, M. C.; CAMARA, S. G. Revisão narrativa sobre a automutilação não suicida entre adolescentes. **Aletheia, Canoas** , v. 54, nº1, p. 136-145, 2021.

NEMATI, H. *et al.*.. Non-suicidal self-injury and its relationship with family psychological function and perceived social support among Iranian high school students. **Journal of research in health sciences**, v. 20, n. 1, 2020.

Nock, M. K. (2010). Self-Injury. **Annual Review of Clinical Psychology**, v.6, n.1, p. 339–363.

**Adverse Childhood Experiences International Questionnaire (ACE-IQ).** World Health Organization, 28 jan. 2020. Disponível em: [https://www.who.int/publications/m/item/adverse-childhood-experiences-international-questionnaire-\(ace-iq\)](https://www.who.int/publications/m/item/adverse-childhood-experiences-international-questionnaire-(ace-iq)). Acesso em: 02 dez. 2024.

PAGE, M. J. *et al.*, PRISMA 2020 explanation and elaboration: updated guidance and exemplars for reporting systematic reviews BMJ 2021

PASINI, A. L. W. *et al.* Suicide and depression in adolescence: risk factors and prevention strategies. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 4 2020.

PETERS, M. D. J. *et al.*, Best practice guidance and reporting items for the development of scoping review protocols. **JBI Evid Synth.** v. 20, n. 4, p. 953-68, 2022.

POUDEL, A. *et al.*, Non suicidal self injury and suicidal behavior among adolescents: co-occurrence and associated risk factors. **BMC Psychiatry**, v. 22, nº 96, 2022.

REBELLO, M.I. *et al.*, Enfermagem na Promoção da Saúde Mental de Adolescentes Escolares: Revisão Integrativa. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 13, nº 2, p. 63-70, 2022.

REIS, C. E. S. Do corpo objeto ao corpo vivido: aproximações entre automutilação e fenomenologia. **Revista Gestalt-Terapia na Rede**. São Paulo, v. 15, n. 29, Dez. 2018, p. 131-146.

ROSA, H. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais da modernidade**. São Paulo: Unesp, 2019.

ROSS, S., HEATH, N. Um Estudo da Frequência de Automutilação em uma Amostra Comunitária de Adolescentes. **Jornal da Juventude e Adolescência**. v. 31 , p. 67–77, 2002.

ROSSOW, I. *et al.* Cross-national comparisons of the association between alcohol consumption and deliberate self-harm in adolescents. **Suicide Life Threat Behav**, v. 37, p. 605–15, 2007.

SANTOS, A. A. DOS *et al.*, Automutilação na Adolescência: Compreendendo suas causas e consequências. **Temas em Saúde**, v. 18, n. 3, p. 120–147, 2018.

SHAFI, R.M.A. *et al.*, Suicidality and self-injurious behavior among adolescent social media users at psychiatric hospitalization. **CNS Spectr.** v. 26. n.3. p. 275-281. 2020.

SILVA, de A.; AGUIAR, . G. Adolescência e automutilação no CAPS Infantojuvenil de Iguatu-CE: um estudo psicanalítico. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, [S. l.], v. 12, n. 31, p. 245–268, 2020.

Tavares, C. M. M.; BARROS, S. Programas de Capacitação em Saúde Mental do Adolescente no **Contexto Escolar: Revisão de Literatura**. Revista Pró-UniverSUS. 2022 Jul./Dez.; 13 (2) Suplemento: 29-39.

Thai, T. T. *et al.*. The Prevalence, Correlates and Functions of Non-Suicidal Self-Injury in Vietnamese Adolescents. **Psychology research and behavior management** vol. 14. p. 1915-1927, 2021

TSAI, M. H.*et al.* , Deliberate self-harm by Taiwanese adolescents. **Acta paediatrica (Oslo, Norway : 1992)**, 100(11), e223–e226. <https://doi.org/10.1111/j.1651-2227.2011.02357.x>

WALKER, L.; AVANT, K. Concept analysis. in Walker L., Avant K. (Eds.) **Strategies for theory construction in nursing**. 5th Edition. Upper Saddle River, NJ: Pearson Education. 2011:157-79.

WAN, Y. H. *et al.* Impact of childhood abuse on the risk of non-suicidal self-injury in mainland Chinese adolescents. **PLoS ONE**, v. 10, 2015.

WILSON, E. D. **Functional Assessment of Self-Mutilation (FASM)**.

ZETTERQVIST, M., LUNDH, L. G., SVEDIN, C.G. Um estudo transversal de autolesão não suicida em adolescentes: suporte para uma relação específica de sofrimento-função. **Saúde Mental Psiquiátrica Infantil Adolescente** 8 , 23 (2014). <https://doi.org/10.1186/1753-2000-8-23>

ZHOU, J. *et al.*. Associations between coping styles, gender, their interaction and non-suicidal self-injury among middle school students in rural west China: A multicentre cross-sectional study. **Frontiers in psychiatry**, v. 13, 2022.